

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de lançamento do PAC Saneamento e Urbanização no estado do Rio Grande do Norte

Natal - RN, 27 de julho de 2007

Eu queria aproveitar que vocês estão em pé para que a gente possa, aqui do Rio Grande do Norte, prestar a devida homenagem às vítimas da tragédia do voo 3054 da TAM, onde tinha uma família do Rio Grande do Norte. Eu vi hoje no jornal que ela será enterrada em Diadema, São Paulo. E também ao nosso companheiro Nélcio Dias. Então, eu queria pedir um minuto de silêncio em homenagem às vítimas da tragédia e ao Nélcio.

Minha querida companheira Wilma Maria de Faria, governadora do estado do Rio Grande do Norte,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu caro Iberê Paiva Ferreira de Souza, vice-governador do Rio Grande do Norte,

Meu caro deputado Robson Faria, presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte,

Meu caro senador Garibaldi Alves Filho,

Deputados e deputadas federais,

Deputada Fátima Bezerra,

Deputada Sandra Rosado,

Deputado Fábio Faria,

Deputado e líder do PMDB, Henrique Eduardo Alves,

Deputado João Maia,

Deputado Rogério Marinho,

Meu caro Carlos Eduardo Nunes Alves, prefeito da cidade de Natal,

Dom Matias Patrício de Macedo, arcebispo de Natal,

Meu querido Jorge Hereda, vice-presidente da Caixa Econômica

Federal,

Meu caro Élvio Lima Gaspar, diretor da área social do BNDES,

Meu caro José Zenóbio Teixeira, diretor-geral da Agência de Desenvolvimento do Nordeste,

Meus amigos e minhas amigas deputados estaduais,

Meus caros prefeitos e prefeitas aqui presentes,

Eu vou citar o nome daqueles que estão na minha nominata.

Quero cumprimentar o Agnelo Alves, prefeito de Parnamirim,

Quero cumprimentar o Cid Arruda Câmara, de Nova Cruz,

Quero cumprimentar o Jarbas Cavalcanti Oliveira, de São Gonçalo do Amarante,

Quero cumprimentar José Marciolino de Barros Lins Neto, de Currais Novos,

Quero cumprimentar Maria de Fátima Rosado Nogueira, de Mossoró,

Quero cumprimentar Maria Gorete Leite, de João Câmara,

Quero cumprimentar Norma Ferreira Caldas, de São José de Mipibú,

Quero cumprimentar Ronaldo da Fonseca Soares, de Açu,

Quero cumprimentar o Salomão Gurgel Pinheiro, de Janduís,

Quero cumprimentar a Marlene Naldi Barbalho, prefeita em exercício de Goianinha.

Cumprimentando esses prefeitos, quero estender o cumprimento a todos os demais prefeitos e prefeitas que estão aqui e não tiveram os seus nomes colocados na nominata,

Quero cumprimentar o padre Robério Camilo, vigário-geral da Arquidiocese de Natal,

Quero cumprimentar o Caio Marcelo dos Anjos Veras, representante da Confederação Nacional das Associações de Moradores,

Quero cumprimentar os deputados estaduais,

Quero cumprimentar os secretários municipais, vereadores,

Quero cumprimentar os jornalistas aqui presentes,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu estava assistindo à assinatura de protocolo e, ouvindo os discursos dos companheiros que falaram antes de mim, começo a perceber que com

todos os problemas que nós temos, estamos nos transformando, aos poucos, num País com uma classe política cada vez mais civilizada e cada vez mais compreendedora de que a gente tem momentos de brigas, tem momentos de disputas, tem momentos de eleições e, depois, temos os momentos de cumprir as promessas que fizemos ao povo durante o processo eleitoral.

Como presidente da República, às vezes a gente fica um pouco preocupado e até indignado, porque às vezes um cidadão de oposição acha ruim quando o governo federal faz obras para a cidade de uma pessoa ou de um estado que é adversário dele, seja na Câmara ou no Senado, e as pessoas pensam que é possível governar um país levando em conta a pequenez de alguém que fala: “Olha, presidente, não dá dinheiro para tal cidade, porque aquela prefeita é nossa inimiga” ou “não dá dinheiro para aquele estado porque o governador não gosta do senhor”, ou “não faz isso porque tal prefeito é meu adversário”. Ora, governar o País não é fazer desta imensa pátria uma República como se fosse um clube de amigos governando apenas para aqueles que cercam o presidente da República, o governador, a governadora ou o prefeito.

Esse tempo de mesquinha aos poucos vai acabando, porque a sociedade também vai evoluindo, porque a sociedade também vai percebendo porque ao longo de tantos e tantos anos as coisas não acontecem como durante décadas se prometeu ao povo deste País. Quando eu digo que está mudando, é porque o PAC é uma demonstração das coisas que são possíveis fazer.

Nós começamos a pensar o PAC em outubro de 2006. Não pudemos anunciá-lo porque eu não queria que ele fosse confundido com o processo eleitoral de 2006. Se eu dissesse em setembro que a gente ia fazer um programa de aceleração da economia, certamente os meus adversários iriam dizer: “Olha, isso é bobagem, isso é campanha eleitoral, está falando isso porque é candidato”. E aí todos os companheiros que disputassem nos estados, que acreditassem e defendessem, e os que não acreditavam, passariam a falar que o PAC não existiria.

Como ser presidente da República é como ser um chefe de família, e normalmente o pai ou a mãe têm mais paciência do que os filhos, normalmente eles reivindicam mais do que a gente pode dar, e a gente pode achar ruim, mas

não pode nem falar. Governar é um pouco isso, é a gente exercitar a arte do possível, a arte da competência de deliberar as coisas que são importantes e a arte da paciência para fazer as coisas sem perceber que o nervosismo do cotidiano te permite tomar decisões precipitadas. Então, nós esperamos o PAC até o dia 22 de janeiro de 2007, depois que nós ganhamos as eleições sem o PAC. O PAC é para a próxima, ou seja, por enquanto nós não precisamos do PAC. Quando nós fizemos o PAC, eu disse à ministra Dilma, ao ministro Márcio – nós estamos falando aqui do PAC de saneamento básico, do PAC de habitação, mas nós temos o PAC de rodovias, de ferrovias, de gasodutos, de aeroportos, de portos e de muitas outras coisas mais – então, eu disse para a Dilma e para o Márcio: Olha, é importante que a gente não repita os erros que aconteceram historicamente no Brasil, pelo menos nas últimas duas décadas.

O Prefeito de Parnamirim disse bem, nem todo mundo gosta de fazer obra que enterre o dinheiro embaixo da terra. É uma cultura. É muito melhor fazer uma ponte, um viaduto. Você faz uma coisa que fica visível, você pode pintar a cada final de ano. Aí você escolhe logo um parente e coloca o nome lá: Ponte Lula, Ponte Dilma, vai colocando, ou seja, é um pouco da pequenez política do nosso País, que é uma questão cultural. E isso, para ser mudado, é um processo de aprendizagem, não se muda por decreto. Veja que D. Pedro tentou fazer a transposição das águas do rio São Francisco em 1847, até hoje não deixaram ele fazer. Pois bem, eu, que não sou imperador, não sou príncipe, sou apenas um retirante nordestino que virou presidente e conhece a realidade do Nordeste, vou fazer. E vou fazer porque não tenho duas caras. Eu não sou daqueles que prometeram fazer e, quando chegavam aqui no Rio Grande do Norte, faziam discurso para ser aplaudido por vocês; quando chegavam no Ceará, faziam discurso favorável para ser aplaudido pelos cearenses; quando chegavam em Pernambuco, já tinham medo porque metade de Pernambuco queria e metade não queria; quando chegavam na Bahia, tinham medo, não falavam; quando chegavam em Alagoas, tinham medo e não falavam; quando chegavam em Sergipe, tinham medo e não falavam.

Eu não tenho duas caras e não acho que o rio São Francisco tenha um dono, o rio São Francisco é um rio nacional e a riqueza daquele rio é de 190 milhões de brasileiros. Por isso, nós precisamos levar água para aqueles que não têm. E pedir compreensão. Eu digo sempre que, se eu pudesse, eu iria na

boca do Oceano Atlântico, e na hora em que ninguém falasse mais da água do São Francisco, trazia ela de volta para o semi-árido nordestino. Ora, dos milhões de metros cúbicos que ele joga por segundo no mar, eu quero apenas um metro e meio, dois metros cúbicos por segundo, para levar água para 12 milhões de nordestinos, para tornar os açudes perenes e para fazer com que este País seja um pouco mais justo na distribuição das possibilidades, das oportunidades e também na distribuição de riquezas.

Pois bem, na questão do PAC eu disse para a Dilma, para o Márcio e para a assessoria do Márcio: nós precisamos, primeiro, não repetir o erro daquele governo que faz um ato pomposo em Brasília, anuncia bilhões e bilhões, passam os anos, e aqueles bilhões não são liberados. E não são liberados não é por maldade, não são liberados porque às vezes a gente anuncia a liberação de verba e depois descobre que não tem projetos. Os projetos são demorados. Depois, quando o projeto está pronto, a gente descobre que não tem licença prévia. Aí, a gente descobre que, quando está tudo pronto, o Ministério Público entra com uma ação, tentando fazer com que tenha alguma coisa errada. E, às vezes, o dinheiro fica dois, três anos disponibilizado no Tesouro e não acontece absolutamente nada. Quem aqui é tesoureiro de alguma coisa sabe: tudo o que o ministro da Fazenda, o secretário da Fazenda do estado ou o secretário da prefeitura quer é que o prefeito, o presidente ou o governador não gaste o dinheiro. O que ele prefere é ficar com o dinheiro lá. É tudo que interessa para quem toma conta do dinheiro.

Pois bem, então nós usamos a metodologia. Nós fizemos um levantamento das principais coisas das principais cidades brasileiras e a decisão foi fazer a região metropolitana, porque a gente entende que é na região metropolitana que estão concentrados os grandes problemas do Brasil: grandes problemas de criminalidade, de marginalidade, de violência, de saneamento básico, uma série de coisas.

Houve um tempo, Governadora, em que favela era uma coisa poética. Quem não se lembra de “Saudosa Maloca”? Quem não se lembra de “Barracão de Zinco”? Mas hoje, na favela, embora more uma maioria de pessoas honestas e trabalhadoras, pelas suas dificuldades geográficas e pela degradação, hoje a gente percebe que as favelas mais violentas são

reprodutoras de mais violência, de jovens que não têm oportunidades, de jovens que moram apinhados.

Um cidadão que mora na cidade de Janduis e não tem saneamento básico, ainda tem área verde, ainda tem terra de sobra, tem tudo. Agora, um cidadão que mora apinhado numa palafita, numa favela, mora com uma família de oito ou nove, num quarto de 3x3. Ali ele come, ali ele defeca, ali ele dorme, é um mundo cão levado às últimas consequências. Então, era preciso atacar esse grande problema, para ver se a gente consegue tornar menos sofrível a vida de uma parcela enorme da sociedade brasileira.

Para fazer o PAC, nós chamamos os governadores, porque também poderíamos ter feito um pacote de cima para baixo, chegar aqui e falar: Governadora, tem aqui 10 “contos” para a senhora, vamos entregar isso aqui. Não. Chamamos a Governadora, chamamos os prefeitos, mostramos os projetos, discutimos, fizemos os ajustes. Eu quero dar parabéns à Governadora porque, realmente, o Rio Grande do Norte é um estado com as contas acertadas e, por ter as contas acertadas, ela pôde contrair empréstimos que outros estados não puderam, viu, Wilma? Veja uma coisa, o estado do Rio de Janeiro tem menos capacidade de endividamento do que você. Significa que as coisas aqui andaram bem. É por isso que tem menos dinheiro do Orçamento da União e tem mais dinheiro de financiamento. Outros estados não têm condições, então, nós fomos obrigados a colocar mais dinheiro do Orçamento e menos dinheiro de investimento.

Nós também não aceitamos a idéia de que: “Ah, mas esse PAC está sendo lançado aqui porque a Wilma é do PSB, aliada do Presidente”, ou “foi lançado na Bahia porque o Wagner é do PT”. Bobagem, o primeiro PAC foi lançado em São Paulo, onde o governador é do PSDB e o prefeito é do PFL. O segundo PAC, a gente lançou em Minas Gerais, onde o governador é do PSDB. O terceiro PAC que nós lançamos foi no Rio de Janeiro, onde o companheiro Sérgio Cabral é do PMDB e o prefeito é do PFL. Portanto, é uma bobagem ou pequenez de quem pensa ou de quem escreve que o presidente da República e seus ministros tomam decisão de investimento em função do partido a que pertence um prefeito. Até porque o prefeito pode pertencer a um partido, o vereador pode ser de um partido, mas o povo pertence a este País, a este estado e à cidade, e nós precisamos cuidar deles, sem pequenez política.

Por isso estamos aqui. Ontem nós fomos à Paraíba, onde o governador também é do PSDB, fomos à Sergipe, onde é do PT. Vou ao Piauí, depois nós vamos ao Pará e ao Amazonas. Depois nós vamos a Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. E, quando eu voltar de uma viagem que vou fazer ao México, Nicarágua, Honduras, Jamaica – talvez eu passe um dia em Cuba, se der certo na minha agenda – Panamá, aí nós vamos ao Rio Grande do Sul, a Santa Catarina e ao Paraná para fechar o PAC. E por que nós temos pressa? Porque agora, como está tudo arrumadinho, já tem dinheiro disponibilizado – e a prefeitura de Mossoró ainda vai ser premiada com um contrato assinado com dinheiro do FNDE, o Fundo de Desenvolvimento para o Nordeste, de uma empresa que vai se instalar lá, investindo 98 milhões de reais em Mossoró – agora que está tudo pronto, qual é o desejo que eu tenho? O desejo que eu tenho, companheiros e Governadora, é que se monte um grupo gestor dessas obras, que cada prefeito monte um grupo gestor, porque agora o que interessa é que essas obras comecem a andar. Quando as máquinas estiverem trabalhando, vai ter homem trabalhando também. Homem trabalhando significa salário, salário significa renda, renda significa melhoria da qualidade de vida das pessoas, e o País pode melhorar. Então, o meu desejo é que até fevereiro esses 40 bilhões de reais do PAC possam começar a gerar oportunidades de emprego.

Pois bem, meu caro prefeito de Parnamirim, a gente não vai conseguir colocar o nosso nome numa manilha, não tem como e, se colocar, ninguém vai ver. Mas o que a gente vai ver como resultado dessa manilha embaixo da terra? O resultado não é uma placa, o resultado é uma criança sadia, é uma criança brincando na rua, é uma criança vivendo mais, é uma criança sem esquistossomose, é uma criança sem diarreia, é uma criança vivendo com muito mais dignidade. É ver uma mulher abrir uma torneira dentro da sua casa e poder beber um copo d'água tratada. Com isso, vai demorar para que os dentes das pessoas caiam, e a gente vai precisar gastar menos dinheiro com dentista, menos dinheiro com saúde. É isso o que a gente vai ver. É esse o patrimônio que nós vamos colher, porque nós precisamos fazer parte de uma geração política que não utilizou a miséria como forma de se perpetuar no poder. Nós devemos fazer parte de uma geração que deu os passos para acabar com a miséria, porque é o fim dela que vai tornar homens e mulheres

independentes neste País.

Daí a minha vocação e a minha paixão por desenvolver o Nordeste. E por que eu quero desenvolver o Nordeste? E por que eu quero desenvolver o Norte do País? O Lula tem alguma coisa contra o Sul? Pelo contrário. Devo tudo o que sou ao Sudeste brasileiro. Foi lá que eu aprendi a ler, foi lá que eu tive uma profissão, foi lá que eu virei sindicalista, foi lá que eu fundei um partido, fundei uma Central, e foi lá que eu me lancei candidato à presidente. Mas, por que é que eu tenho paixão por desenvolver o Nordeste e o Norte do País? É porque também, como numa família – aqui tem um monte de pais e mães – a gente não gosta mais de um filho do que de outro, gosta? A gente gosta de todos igualmente. Às vezes tem um mais malandro, que a gente precisa chamar mais a atenção, e às vezes tem um coitadinho, que está mais caladinho, mais quietinho, e a gente sabe que quando uma criança se levanta sem fazer peraltice é porque está doente. Então, como pai e como mãe, a gente cuida desse mais fraquinho com um pouco mais de carinho, não é isso? Pega no colo, uma papinha aqui, um denguinho ali, porque o chamego faz bem para aquele que está mais necessitado, e o que está bom merece até uma bronca.

Então, eu acho que nós precisamos aproveitar este momento histórico para permitir que o Brasil seja mais equânime, que não tenha um Sul vivendo a quarta geração industrial, e um Nordeste que não chegou à segunda, um Norte que não chegou à primeira. É preciso tornar este País mais igual. É só imaginar a quantidade de doutores formados neste País, que nós vamos perceber que 90% dos doutores formados estão na região Sul e Sudeste. É preciso aumentar mais lá, mas é preciso fazer aqui. Por isso eu tenho um compromisso e quero cumpri-lo: até o final do meu mandato todas as cidades-pólo terão uma extensão universitária e terão uma escola técnica neste País. E aqui um dado importante: de 1909 até 2003, 97 anos, portanto – a primeira escola técnica foi feita por Nilo Peçanha – foram feitas 140 escolas técnicas. Em oito anos, nós vamos deixar este País com 300, portanto, vamos fazer em oito anos mais do que foi feito em 97 anos.

Da mesma forma, a universidade. Seria importante que os nossos deputados, os nossos senadores olhassem, dos presidentes da República que passaram pelo País, quem é que fez universidade e onde foi feita a

universidade, para a gente perceber que se cada presidente tivesse assumido a responsabilidade de fazer um pouco de universidade, a gente teria hoje o Brasil muito mais evoluído do que a gente tem. Muitas vezes, quando alguém que ganha a Presidência já fez a sua universidade, ele pensa: “Mas eu já tenho o meu diploma, para que os outros vão ter? Pobre tem mais é que trabalhar, para que pobre tem que ser doutor?” E nós entendemos que é através da educação que a gente pode criar a oportunidade de todos serem iguais neste País, de todos terem oportunidade, de todos poderem trabalhar e ganhar. Não tem nada que dê mais independência a um ser humano do que a sua capacitação profissional.

Uma mulher que tem uma profissão não agüenta desaforo do seu marido, não agüenta. Ela agüenta desaforo do marido se depender dele para comprar uma peça íntima, mas se ela não depender, e ele gritar, ela vai dizer: “Vai gritar com outra, não comigo.” Essa é a independência. O homem independente não fica precisando de 10 mil réis para votar em alguém, ele não aceita 10 mil réis para ser cabo eleitoral. O homem independente vota por convicção, ele se levanta, em casa, de manhã e vai votar por convicção. É por isso que nós precisamos investir na educação e, ao mesmo tempo, dentro deste País de 27 filhos, numa barriga de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, nós temos que priorizar a parte mais pobre para equilibrar o País.

Eu não sei, Governadora, se você está percebendo que começou a diminuir a ida de nordestinos para o Sul, e que está vindo nordestino do Sul para cá, com uma vantagem: ele saiu daqui como retirante para não morrer de fome e está voltando aposentado, com cidadania, ou seja, há uma vantagem. E com o programa Luz Para Todos, tem muita gente voltando, tem muita gente que não quer viver mais numa cidade solapada de carros, de fumaça, de crime, de polícia. Então, se ele tem uma terrinha aqui e chegou um bico de luz na terrinha dele, podem ficar certos de que ele vai voltar.

O Pronaf também, antes do meu governo, seria importante, Henrique Alves, que a gente fizesse um levantamento para você ver quanto de dinheiro vinha do Pronaf para cá até 2002. Era zero, e se não era zero, era próximo de zero, porque o Pronaf, como os trabalhadores gaúchos eram mais organizados e tinham mais cooperativas, era quase todo para lá, não chegava nesta parte do País. Hoje não, hoje é só pegar o tanto que cresceu, a quantidade de

trabalhadores. É por isso que nós estamos fazendo a compra do leite. No mercado está 30 centavos, a gente paga 70; o leite de cabra, a gente paga 1 real o litro. Para quê? Para dar garantia ao cidadão que vai produzir que ele não vai ficar escravo de um mercado que nem sempre é justo, ou seja, o estado tem que garantir e distribuir esse leite para as pessoas que mais necessitam. Essa política precisa para o Nordeste, é por isso que o IBGE disse: o consumo no Nordeste cresceu 38%, mais do que a China. E vai crescer mais, porque as pessoas aqui cansaram de passar fome, gente.

Em 52, eu tinha sete anos de idade e fui embora para São Paulo por causa da maldita fome e por causa da seca. Então, nós precisamos resolver isso. Só é contra quem não sabe o que é carregar uma lata d'água na cabeça por quatro ou cinco léguas. Só é contra quem não sabe o que é pegar um pote d'água cheio de barro, de merda de animal, de caramujo, levar para dentro de casa, colocar para assentar e ficar tomando aquela água barrenta cheia de caramujo para pegar doença, para apodrecer os dentes, para pegar verminose. Então, quem tem água Perrier na geladeira pode até ser contra.

Agora, o que nós queremos é transformar este País numa coisa mais justa, e aí entra, meus companheiros deputados, prefeitos, senadores e governadora, a questão da ZPE. Ora, o que é a ZPE? É uma Zona de Processamento de Exportação, é criar um mecanismo especial em que você produz determinados produtos para exportar para o exterior e você, então, escolhe determinadas regiões do País que mais necessitam e cria aquela zona. Obviamente que essa zona de ZPEs não pode competir com a produção interna do País, porque você não pode desativar um sistema produtivo para criar um outro, é preciso manter os dois. E aí a gente percebe que as pessoas não querem. Aqueles que já têm os estados industrializados não querem, "isso é um atraso, isso é não sei das quantas".

Eu fico perguntando para vocês como a gente vai desenvolver o Acre, que está lá no fim do Brasil, na divisa com o Peru, como a gente vai desenvolver o Amapá, como a gente vai desenvolver o Rio Grande do Norte? Este estado, quando eu estava ouvindo a Wilma falar, eu a estava vendo até com cara de emir, porque aqui tem muito petróleo e, logo, logo vai descobrir mais, daqui a pouco vai ser a xequie Wilma de tanto petróleo ou gás que tem aqui. Então, este estado e Sergipe ainda têm outras possibilidades, mas tem

outros estados do Nordeste que não têm. Nós precisamos criar as condições.

Aqui tem o aeroporto de São Gonçalo do Amarante, que está no PAC, e pode ser um aeroporto industrial, pode ser um aeroporto feito para empresas se instalarem em volta dele, produzir coisas para exportar, para gerar riquezas para este estado, para gerar trabalho e gerar riquezas. Nós não estamos tirando nada de ninguém, nós apenas queremos estender, àqueles que não têm, as oportunidades que outros já tiveram no País. Mas o jogo é pesado, companheiros, mas nós temos que fazer, não tem jeito.

Eu queria agradecer ao Senado e à Câmara, porque de vez em quando as pessoas mostram brigas e, na verdade, tem brigas, tem divergências, mas na questão do PAC, tanto a Câmara como o Senado foram de uma competência extraordinária. Aprovaram com uma certa rapidez todas as coisas que precisavam ser aprovadas e, certamente, vão aprovar todas as coisas do Plano de Desenvolvimento da Educação. As pessoas também estão aprendendo o seguinte: não adianta um senador dizer “eu não gosto do Lula”. Se ele diz que não gosta do Lula, ele que pegue a tribuna e me xingue o quanto quiser, até cair a língua, não tem problema. Isso não me incomoda. Agora, na hora em que ele tiver que votar, ele tem que ver o seguinte: esse projeto vai beneficiar o Presidente ou vai beneficiar o povo brasileiro? E aí votar com consciência. Os deputados, a mesma coisa. Graças a Deus, eu estou há quatro anos e meio, e talvez seja o único presidente que não tenha falado mal do Congresso nem uma vez, porque os presidentes, quando as coisas apertam, jogam a culpa no Congresso, no deputado. Eu nunca falei. E nunca falei porque tenho a minha responsabilidade e acho que o Congresso, com defeito ou virtude, graças a Deus, a gente o tem, porque no dia em que não tiver, será ditadura e a ditadura é muito pior do que a democracia com o Congresso.

Então, meus companheiros, eu vou dizer para vocês uma coisa. Eu sou um homem, hoje, muito mais leve do que no mandato passado. O fato de eu não ser candidato em 2010 me tirou umas três toneladas das costas. Eu acho que nós temos que fazer, neste mandato, o que não foi possível fazer no primeiro. Nós consertamos o País. Eu sei que tem críticas, mas a história não é contada no mesmo dia em que ela acontece. O pioneiro não consegue, muitas vezes, chupar a laranja que ele plantou. Mas a história vai contar o que

aconteceu neste País nesses últimos quatro anos. E nós não fizemos nenhum milagre, não teve nenhum milagre, nós apenas tentamos repartir, de forma mais justa, o pão deste País. Apenas começamos a ver que pobre não pode ser tratado como moeda eleitoral, porque no dia da eleição o pobre tem mais valor do que um banqueiro. “Eta, como o pobre é tapado, todo mundo dá a mãozinha para ele, todo mundo agrada”, mas quando passam as eleições, esse pobre não consegue uma audiência nem que a vaca tussa. Não consegue. Por exemplo, a Wilma e eu ficamos meio brancos quando o funcionário público faz greve. A gente fica chateado: por que greve? Mas, quantas vezes, quando éramos oposição, a gente os incentivou a fazer greve?

O que nós precisamos é apenas ter equilíbrio para que quando a gente esteja no governo, a gente não esqueça tudo que a gente fez. Mas que as pessoas também não nos vejam no governo como viam aqueles que elas achavam que eram de direita, que eram conservadores. É preciso que se tenha uma relação civilizada, é preciso que se negocie, é preciso que as pessoas, antes de entrar em greve, sentem-se a uma mesa de negociação e conversem. Cada greve tem que ser diferente uma da outra. Então, é preciso apenas isso para que este País tenha um ordenamento firme e para que este País possa se desenvolver.

Eu quero terminar dizendo o seguinte: nós vamos logo, logo... eu me esqueci de falar do PAC/Funasa. Eu sei que o nosso Bispo vai gostar. O PAC/Funasa são 4 bilhões de reais, dos quais R\$ 360 mais ou menos serão destinados para levar água potável e esgotamento sanitário a 90% das tribos indígenas deste País até 2010. Mais R\$ 300 e poucos milhões serão utilizados para levar água potável e esgotamento sanitário a todos os quilombos organizados deste País. Uma outra parte, R\$ 3 bilhões e 300 milhões, será utilizada para cidades com até 50 mil habitantes. Mas nós vamos utilizar, preferencialmente, nas cidades que tenham, no Norte, alto índice de malária e, no Nordeste, alto índice de doença de Chagas, que é para a gente acabar de uma vez por todas com o bicho barbeiro. Eu acho que até vou cortar a barba para acabar com o barbeiro, acabar com esse bicho que traz tanta doença para este Nordeste brasileiro.

Depois nós temos o FNHIS, que a Dilma disse aqui também, e o Márcio, são mais 2 bilhões de reais. Vejam, entre Funasa e FNHIS já são 6 bilhões de

reais, tudo voltado para a área de saneamento básico e urbanização de favelas. Se a gente, a partir de agora, não deixar faltar mais dinheiro para o saneamento básico, um belo dia será possível a gente acordar e as pessoas, no Brasil, estarem vivendo numa condição de vida mais digna e melhor. Eu quero terminar dizendo para vocês que o Brasil está vivendo um momento excepcional da sua história. Se tiver economista aqui, neste meio, ou doutor da universidade federal, eu duvido que tenha havido algum momento na história do Brasil em que a gente tenha tido uma situação de fatores combinando entre si como nós temos agora.

Jaci, você que está aqui na minha frente, me olhando, eu vou te dizer uma coisa: quando nós ganhamos as eleições, este País não tinha dinheiro para pagar as suas importações. Todo ano, o ministro da Fazenda tinha que correr para Washington para pegar dinheiro, para fechar as suas contas. E não é o Lula que está falando, não. Isso, a imprensa publicava toda semana. Hoje, o Brasil tem reservas de 154 bilhões de dólares. Hoje, o Brasil tem superávit comercial de 47 bilhões de dólares. Hoje, o Brasil tem superávit de conta corrente. Só nos primeiros cinco meses do ano, foi gerado 1 milhão de empregos com carteira profissional assinada.

Vocês estão lembrados quando a imprensa publicava assim: “O Brasil captou no exterior 10 bilhões de dólares”? Aquilo era uma festa. Sabe quanto de dinheiro já entrou no Brasil, até o dia 30 de junho, meu caro deputado Henrique Alves, Fátima Bezerra e demais deputados? Cinqüenta e nove bilhões de dólares até o dia 30 de junho. Então, o País está vivendo um momento em que ele só não dá um salto de qualidade se nos formos medíocres. Se a gente tiver competência para conversar mais com a sociedade e fazer as coisas corretas, este País pode se transformar definitivamente numa nação desenvolvida e a gente poderá extirpar de uma vez por todas a questão da fome e da miséria.

E eu digo sempre para vocês, nós temos seis meses do segundo mandato, nós temos três anos e meio pela frente, tem muita coisa para acontecer. E podem ficar certos, nessas muitas coisas que têm para acontecer, eu sei que o Rio Grande do Norte fica angustiado: “Porque a Transnordestina é só Pernambuco e Ceará.” Vejam, a Transnordestina é como se fosse o rio São Francisco ferroviário, primeiro ela tem que ligar os dois portos importantes, mas

é impensável imaginar a Transnordestina sem um braço para a Bahia, para o Rio Grande do Norte, para Sergipe, para a Paraíba, é impossível porque significa ligar esses estados aos outros estados do Nordeste brasileiro.

Então, eu, agora, prefeitos, Governadora, eu só quero ser convidado para inaugurar a primeira obra do PAC. Se vocês não fizerem logo, vocês não vão poder inaugurar porque tem eleição no ano que vem para prefeito e, a partir de junho, vocês não podem nem colocar uma placa num poste, que a Justiça Eleitoral pegará no pé de vocês. Então, se tiverem que me convidar para alguma coisa, tem que ser até o final de maio. Eu só peço a Deus que todos vocês consigam, o mais rápido possível, colocar esse dinheiro para gerar o resultado que nós queremos: melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro.

Muito obrigado e que Deus os abençoe.